

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A crítica

Class.: Deni 11

Data: 16.03.92

Pg.: \_\_\_\_\_

# Os índios Deni pedem socorro

José Rosha

Dos três grupos indígenas que habitam a região do médio e baixo Juruá, no sul do Amazonas, o povo Deni é o que se encontra em situação mais agonizante no momento. Entre julho e agosto do ano passado, um surto de sarampo deixou em pânico os ribeirinhos e a população das cidades de Carauari e Caetani. Em dezembro, o surto foi levado para as aldeias situadas em alguns afluentes do rio Xerú, provocando nada menos que a morte de 55 índios entre Deni e Kulina.

O alarmante número de mortes pelo sarampo coloca em evidência pelo menos dois grandes problemas enfrentados pelos povos indígenas da Amazônia: a violação do direito à terra e o estado de abandono com a falta de assistência à saúde. e, nesse caso, o problema se estende à toda a população das cidades do interior, sobretudo nos municípios mais afastados dos grandes centros urbanos.

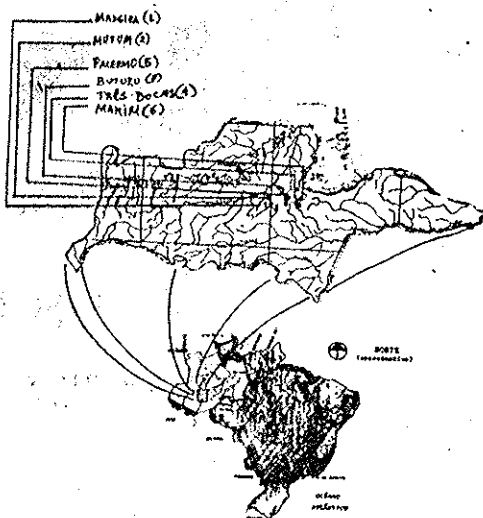
O território tradicional habitado pelo povo Deni foi identificado pela Funai através da Portaria 1813/E de 7 de janeiro de 1985, com uma extensão de 998 mil e 400 hectares abrangendo os municípios de Itamarati e Tapauá, no sul do Amazonas. Na área, 359 índios Deni de seis aldeias convivem ao lado de um grupo de Kulina - primeiro povo a ser dizimado pela frente extrativista que alcançou o Juruá no primeiro "boom" da borracha no final do século passado.

Como de resto a maioria das áreas indígenas, a terra dos Deni é alvo de constantes invasões de madeiros, sorveiros e outros exploradores dos recursos naturais da região. O surto de sarampo, segundo constatou um grupo formado por funcionários da Funai, Fundação Nacional da Saúde e membros da equipe de Pastoral Indigenista de Carauari que esteve no local há cerca de 15 dias, foi levado por índios Kulina que, a mando do regatão Raimundo Lopes, retiraram madeira das próprias áreas indígenas. A exploração dos índios como mão-de-obra barata pelos regatões torna-se, assim, atividade lucrativa para os "patrões".

É com a exploração que o "patrão" Manoel de Jesus, na localidade de Nogueira, vendia aos Deni um quilo de açúcar pelo valor de cinco quilos de borracha. Em números: um quilo de açúcar saía para os índios ao preço de Cr\$ 3 mil e o "patrão" embosava nove vezes o valor do produto. Os números revelam ainda que uma lata de óleo custava para os índios Cr\$ 4.200,00; um quilo de sal Cr\$ 3 mil e uma barra de sabão Cr\$ 6 mil, enquanto na cidade o preço era de Cr\$ 600,00.

**Saúde abandonada** - A utilização da mão-de-obra dos índios pelos regatões, além de causar a destruturação da economia das aldeias, tem resultado na transmissão de doenças antes desconhecidas pelos grupos indígenas. Enquanto autoridades e políticos locais se atiram contra a demarcação das terras e dizem defender o caboclo do interior, o estado de abandono das po-

ONDE VIVEM OS ÍNDIOS DENI



J. Rosha

A localização dos grupos atingidos

pulações interioranas revela que esse discurso não passa de uma grande mentira.

Foi em razão do estado de abandono que o socorro chegou tarde aos Deni. Na cidade de Carauari e nos municípios vizinhos, no início do ano, faltaram alimentos, energia elétrica, água e combustível. A presença do Estado naquela região, com a prestação dos serviços mais elementares à população, é praticamente nula: para atender aos índios, por exemplo, a Funai dispõe de um posto em Eirunepé e outro em Caetani, com um funcionário em cada, para atender 700 pessoas daquela área numa extensão de mais de mil quilômetros.

Segundo informou um funcionário da Funai, a última vez que o órgão esteve presente na região do Juruá, fazendo levantamento dos problemas de saúde, foi em 1987.

"De lá em diante não se tem feito nada: faltam recursos para trabalhar", disse. As equipes da Prelazia de Tefé, em 1979 constataram que 80 pessoas morreram vítimas de tuberculose e ainda hoje a doença não foi erradicada, apesar do esforço dos missionários.

De acordo com o levantamento feito pela equipe da Pastoral Indigenista, o surto de sarampo que atingiu os Deni e Kulina das aldeias localizadas nos igarapés Mutum, Buturu e Rezemá entre dezembro do ano passado e janeiro deste ano causou a morte de 55 pessoas. A maioria dos óbitos ocorreu entre as pessoas que se encontravam na faixa etária de 15 a 25 anos e, em algumas aldeias, até 37 por cento da população foram completamente exterminados pelo sarampo.

\* J. Rosha é jornalista e assessor do Cimi

## Urgência no combate

Entre 1989 e 1990 pelo menos 15 por cento da população Yanomai foram dizimados por conflitos e pelas doenças levadas pelos garimpeiros. Em apenas dois meses, 15 por cento dos índios Deni sucumbiram diante do surto de sarampo e ainda é grave a situação desse povo devido o estado de desnutrição.

Ainda esta semana a Funai enviou um médico e um laboratorista para atender os índios. Na área, uma médica que faz pesquisa junto aos Deni auxilia na vacinação dos moradores das aldeias no igarapé Buturu, enquanto um membro da equipe da Pastoral Indigenista de Carauari aguarda a chegada do pessoal da Funai para acompanhar o atendimento nas demais aldeias.

Conforme informações da Pastoral Indigenista, o surto de sarampo

causou a morte de 13 índios (16,7% da população) na aldeia Buturu, dois (2,5%) na aldeia Palermo/Buzina, uma em Três Bocas, seis em Mutum (12,8%), cinco em Mariri (11,1%) e 16 na aldeia Madeira (37,2%). O maior número de mortes (44,4%) ocorreu entre pessoas com idade entre zero e 14 anos.

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira criticou a demora no atendimento aos índios do rio Xerú e alertou sobre a urgência do combate ao sarampo se estender a outros grupos indígenas dos municípios vizinhos. Os membros da organização manifestaram preocupação diante das precárias condições de atendimento às populações indígenas e o abandono em que o Estado deixa a população do interior. (J.R.)



Estado em que se encontra uma das pequenas índias



A doença atinge mais crianças e jovens